

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento De História

Licenciatura Intercultural Indígena do Sul Da Mata Atlântica

JANETE DE PAULO

Memórias e resistência na história e configuração social da
aldeia Paiol de Barro

FLORIANÓPOLIS/SC

Fevereiro de 2015

JANETE DE PAULO

Memórias e resistência na história e configuração social da
aldeia Paiol de Barro

Trabalho apresentado como requisito para a obtenção do título em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Terminalidade Linguagens na Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Msc. João Rivelino Rezende Barreto

FLORIANÓPOLIS/SC

Fevereiro, 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dezenove dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às dezesseis horas, na Sala 310 – Bloco B. do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor, Orientador, **João Rivelino Rezende Barreto**, e Presidente, Professora, **Maria Dorothea Post Darella**, Titular da Banca, e Professor, **Sandor Bringmann**, Suplente, designados pela Portaria nº 48/HST/2015, do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica, Janete de Paulo, subordinado ao título: "**Memórias e resistência na história e configuração social da aldeia Paiol de Barro**". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor, **João Rivelino Rezende Barreto**, a nota final, **9,5**, da Professora, **Maria Dorothea Post Darella**, a nota final, **9,5**, e do Professor, **Sandor Bringmann**, a nota final, **9,5**, sendo aprovada com a nota final, **9,5**. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital, ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 19 de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. *J.R. Rezende Barreto*

Profa. *Maria Dorothea Post Darella*

Prof. *Sandor Bringmann*

Candidata *Janete de Paulo*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Janete de Paulo, matrícula n.º 11104062, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **Memórias e resistência na história e configuração social da aldeia Paiol de Barro**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 19 de março de 2015.



Orientador(a)

A minha família

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, pela minha família, e pela oportunidade que tive em cursar na Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

Ao meu esposo Vanderley Moreira, que sempre me acompanhou no decorrer do curso fazendo longas viagens a Florianópolis.

Aos meus filhos Luiz Antônio Ferreira, Natan Júnior Moreira e Denis de Paulo Moreira.

Aos meus pais Valderico Paulo e Carolina Aires, que sempre me deram apoio e que me deram boa educação para a vida, a eles meu muito obrigado.

Aos meus colegas do Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Kaingang, Xokleng e Guarani.

A coordenação do curso, professor Lucas, professora Dorothea, Juliana, Ariana e Murilo que sempre estiveram ao nosso lado para que pudéssemos ter condições boas para estudar.

Ao professor João Rivelino Rezende Barreto que me acompanhou desde o início do meu trabalho, e que sua orientação foi muito importante para que pudesse conseguir desenvolver esse trabalho.

Enfim, a todos os moradores da Aldeia Paiol de Barro, e ao povo Kaingang em geral o qual faço parte.

Com a mudanças das coisas, mudam os
indivíduos; o tipo permanece o mesmo

Warner Jaeger

RESUMO

A partir da experiência de vida na Aldeia Paiol de Barro procuro apresentar o sistema de organização sociocultural kaingang dentro da Terra Indígena Xapécó. De forma que foi importante partir da minha própria experiência para entender melhor o modelo tradicional e modelo atual de organização social kaingang. Creio que tenha consegui trazer para o conhecimento da universidade minha própria experiência de vida e um pouco daquilo que vivemos dentro da terra indígena, desafios, conquistas, enfim, um novo modelo de organização que vai se concretizando e de certa forma vai se fortalecendo da sua forma e necessidade.

Palavras-Chave: Aldeia Paiol de Barro, Terra Indígena Xapécó.

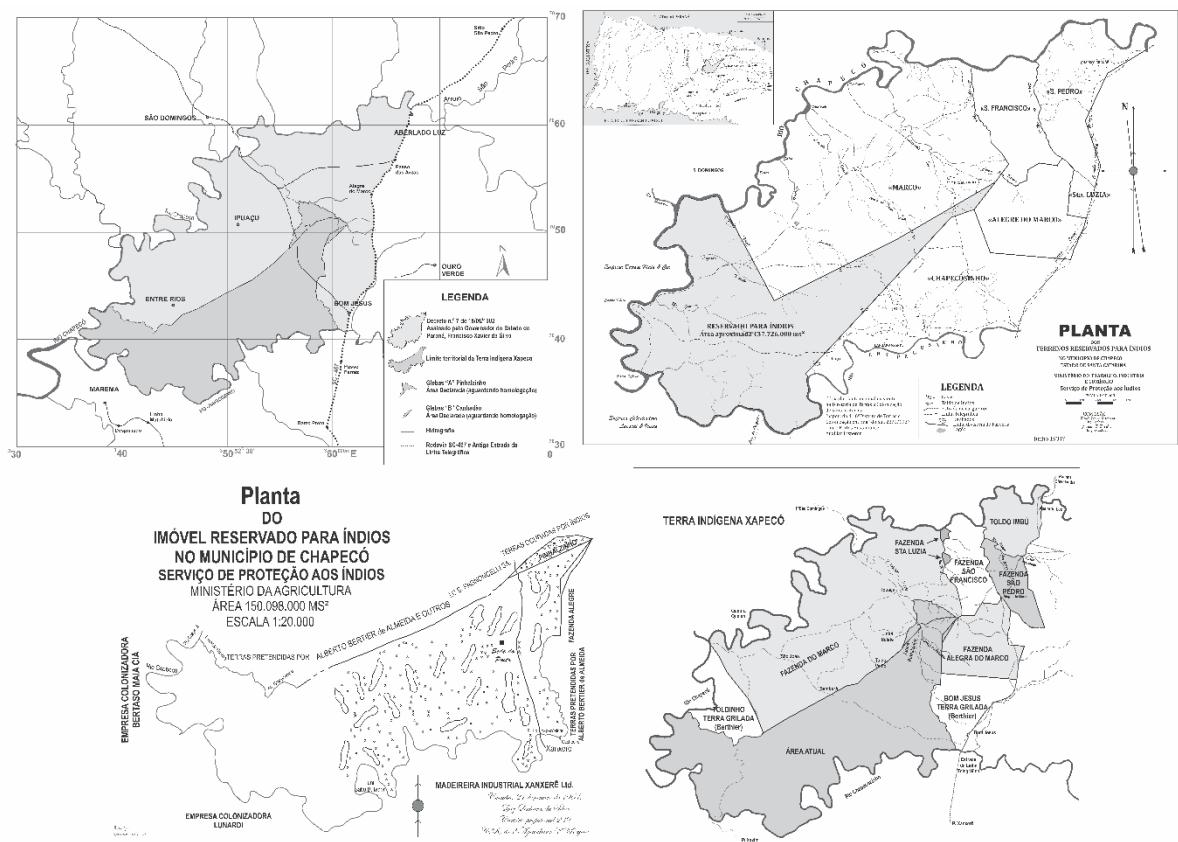
LISTA DE COLABORADORES

1. José Domingos Kapóni Paliano, 80 anos, (aldeia Sede, Aposentado).
2. Antonio Pinheiro, 80 anos, (aldeia Paiol de Barro, Aposentado).
3. Rosa Pinheiro, 76 anos (aldeia Paiol de Barro, Aposentada).
4. Terezinha Ercigo (Aldeia Limeira)

Sumário

Introdução	12
CAPÍTULO I – Modelo tradicional de uma configuração social Kaingang	14
1.1 Breve leitura da minha trajetória de vida	15
1.2 A aldeia Paiol de Barro	17
1.3 Costumes, sustentabilidade e alimentos tradicionais kaingang	18
1.4 Configuração social kaingang no âmbito de um modelo tradicional	19
CAPÍTULO II – A reconfiguração da organização social Kaingang	23
2.1 Reformulação da organização social em Paiol de Barro	24
2.2 Nova configuração sociocultural kaingang	26
2.3 O sistema de “cacicado” em diferentes olhares Kaingang	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	37
ANEXO.....	38

Mapa da Terra Indígena Xapecó



Fonte: BRIGHENTI (2012)

Introdução

Depois de muitos desafios consegui produzir meu Trabalho de Conclusão de Curso, reconheço que tive muita dificuldade desde o primeiro momento em me propus a pensar numa temática. Acontece que, mesmo vivendo dentro da realidade em que me propus a estudar tive dificuldades em colocar no papel exatamente o que vivo, o que percebo e entendo enquanto Kaingang. Ao mesmo tempo, penso que tenha conseguido apresentar conforme minha capacidade e esforço.

Reconheço que as aulas que tive no curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica contribuiu muito para minha formação acadêmica e agora apresentando meu trabalho que, de certa forma, proporciona para o conhecimento da universidade um pouco de minha cultura, desafios, expectativas e novos caminhos que se alinham dentro da nossa terra indígena. Agradeço muito aos meus familiares, aos meus professores que me ajudaram na formação acadêmica, ao mesmo tempo penso que aqui não é o final de tudo, mas sim uma oportunidade que tive para pensar melhor a minha própria cultura.

Desta forma é que, sem a intenção de esgotar o assunto, muito menos para tentar fazer uma grande reflexão, apresento o Capítulo I falando um pouco da minha própria história, da aldeia Paiol de Barro, dos costumes que vive quando era criança, dos trabalhos que meus pais desenvolviam, das dificuldades que passei junto a minha família, enfim, procuro trazer em memória a partir da minha própria experiência de vida um pouco da cultura kaingang na aldeia Paiol de Barro. Sem dúvida, existem outras pesquisas com melhores detalhamentos a respeito da organização social kaingang, mas aqui procuro apresentar conforme o meu conhecimento e daqueles que contribuíram na minha pesquisa e que moram também dentro da Terra Indígena Xapécó.

No capítulo II, procuro apresentar o modelo atual da organização sociocultural kaingang, mesmo não sendo exata no tempo, mostro em que momento se deu essa transição de um modelo tradicional para um modelo atual. Além disso, passo a demonstrar as alternativas que foram surgindo, bem como a dinâmica para a escolha dos caciques, das lideranças em nível da terra indígena, bem como em nível das aldeias. Esse exercício faz com que se conheça um pouco de um novo momento que a cultura kaingang vive dentro da terra indígena com o sistema de cacicados garantido pela realização de pleito, bem como apresento meu ponto de vista dos desafios que se assolam a partir do modelo atual.

Espero ter conseguido apresentar da melhor forma possível, penso que é importante nós próprios kaingang que vivemos dentro da terra indígena repensarmos sobre o modelo atual de cacicado. É uma coisa positiva, se pensarmos do ponto de vista tradicional, mas se torna desafiador quanto o modelo atual se submete a padrões de regime não indígena, com políticas e divisões dentro da terra indígena. E, em nenhum momento tive a intensão de criticar esse sistema, mas simplesmente procurei me colocar dentro desse padrão e modelo de organização. Ao mesmo tempo, espero que esse trabalho proporcione para novas reflexões dentro da terra indígena, bem como seja trabalhado nas escolas questões envolvendo a importância da terra indígena e o modelo atual de organização social. Certamente, é importante que cada um faça sua parte, e especificamente pensando sobre sua própria cultura.

CAPÍTULO I – Modelo tradicional de uma configuração social Kaingang

1.1 Breve leitura da minha trajetória de vida

Me chamo Janete de Paula (*Kysã*), tenho 32 anos, sou da Etnia Kaingang (metade kairu) da Terra Indígena Xapecó, Oeste de Santa Catarina-SC. Sou casada com Vanderley Moreira (kaingang) e temos três filhos: Luiz Antônio Ferreira, Natan Júnior Moreira (*Mâ*), Denis de Paulo Moreira (*Karu mág*). Nasci no dia 04 de Maio de 1981, na Terra Indígena Xapecó, aldeia Limeira, Oeste do Estado de Santa Catarina – SC. Sou filha de Valderico Paulo (metade kamé) e de Carolina Aires (metade kairu). Atualmente, moro na Aldeia Paiol de Barro, Município de Entre Rios.

Hoje meus pais são aposentados, mas minha mãe continua produzindo artesanatos para serem vendidos nas cidades. Assim como outros indígenas da região meus pais sempre trabalharam na lavoura para buscar sustentabilidade na família. Os trabalhos na lavoura eram condicionados no serviço dos patrões não indígenas, assim meu pai, minha mãe, meus irmãos mais velhos trabalhavam na colheita de milho, feijão, trigo, soja nas plantações e fazendas dos colonos.

Além dessas atividades externas meus pais também mantinham uma pequena lavoura dentro da aldeia e plantavam milho, feijão, trigo, batata doce, mandioca. E através dessas produções é que meus pais estabeleceram um meio de sustentabilidade para nossa família. De forma que essa atividade era realizada também por outras famílias da aldeia, aliás, cada um de uma forma ou de outra tinham sua plantação. Até hoje esse hábito perdura na aldeia, isto é, cada família costuma ter sua plantação para sua sustentabilidade e que passou a se tradicionarizar na aldeia com o passar do tempo.

A atividade que meus pais realizavam em casa passou a ser também de minha responsabilidade na medida do tempo, era um aprendizado que se estabelecia conforme a minha idade. De outra forma, entendo que esse procedimento se tratava de uma educação inicial que tive em casa e foi através do acompanhamento dos meus pais no dia a dia. De

forma que, tanto eu como outras crianças de minha geração, crescíamos em um ambiente com o método de ensino de uma educação indígena kaingang.

Esse método não tinham teorias descritas nos papéis, mas simplesmente se concretizava na convivência diária em vários ambientes e espaços, mesmo que as dificuldades fizessem parte da nossa vida familiar, entre os quais as condições financeiras. E, certamente, tudo que os meus pais faziam era para nosso sustento, até porque eles também sonhavam para que eu tivesse melhores condições de vida quando crescesse, e o caminho pra isso era a escola.

Diante desses desafios e dificuldades meus pais sempre tiveram a preocupação de nos orientar para que tivéssemos interesses nos estudos escolares, com a justificativa de que se não estudasse também passaríamos pelas mesmas dificuldades vivenciadas por eles. Desta forma, sempre apoiaram para que fossemos a escola, mesmo que não tivessem tantas condições financeiras suficientes para nos oferecer em materiais escolares, assim como para o deslocamento da aldeia para a escola. Inclusive, em certo momento, quando passei para Quinta-Série, não tive como continuar estudando porque meus pais não tinham condições financeiras para transporte que possibilitasse o deslocamento da aldeia para a cidade de Entre Rios onde havia a escola de Séries finais do Ensino Fundamental. Isso fez com que parasse por um ano sem ir à escola.

Meu passo inicial na escola ocorreu na própria aldeia, assim existia uma escola dentro da nossa aldeia com professores não indígenas, com alunos indígenas e não indígenas.

Esse memorial do meu contexto cultural apresenta um trajeto de formação que se estabeleceu de uma base educacional kaingang, ao mesmo tempo em que passei a almejar por uma alternativa de vida através da formação escolar.

Hoje trabalho como professora na minha própria aldeia e até o momento estou finalizando o curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, é o primeiro

curso de nível superior. Uma coisa que meus pais não tiveram oportunidade, mas que condicionaram para que nós tivéssemos essa possibilidade. Tanto eu como outros meus irmãos temos formação escolar de boa qualidade, no caso dos nossos pais só sabem escrever o nome.

Enfim, o fato de eu estar trabalhando como professora na minha aldeia é um motivo de muito orgulho para meus pais e para minha família, assim como para os meus parentes que moram naquelas circunstâncias. Ao mesmo tempo, isso passou a nos dar outra compreensão, ou seja, mesmo que estejamos nesse nível de formação nunca devemos esquecer as nossas raízes culturais. Na verdade é um desafio, pois, estamos submetidos a um processo de aculturação, mas até o momento continuamos preservando a nossa cultura, o nosso modo de ser, entender, pensar, enfim, de sermos kaingang.

1.2 A aldeia Paiol de Barro

Está localizada no oeste de Santa Catarina, município de Entre Rios. Possui 144 famílias, escola, posto de saúde. Salão de festa. Campo de futebol. Igrejas (católicas, evangélicas).

A história de constituição da Aldeia Paiol de Barro é descrito pelos moradores mais antigos como aquilo que foi informado pelos seus pais e moradores que os antecederam. Portanto, são informações que foram sendo retransmitida de geração pra geração.

Conforme as informações de Valdevino de Oliveira Belém, que há 23 anos atua como técnico de enfermagem da Unidade Básica de Saúde, as primeiras iniciativas para instalação de uma escolinha na comunidade foram dele, assim organizou um levantamento de dados das crianças para que os mesmos passassem a integrar nas atividades de ensino-aprendizagem naquele contexto. Ao mesmo tempo, Valdevino foi integrante da primeira diretoria da escola.

Em relação ao local em que se encontra hoje a aldeia as informações que os moradores mais antigos contam é que há muito tempo atrás a região era coberta por um pinhal, e que os primeiros habitantes foram os índios guarani que também tenham vindos de outro lugar para se instalarem aí. Uma vez vindo de outros lugares os guarani estabeleceram as estratégias de abertura de picadas no mato para alcançarem o lugar e na sequência construíram seus ranchos com pau, taquara, folhas e barro. Assim formaram, portanto, uma pequena comunidade chamada Toldo dos Guaranis.

Tempos depois, enquanto os guaranis constituíam a sua vida naquela localidade, um grupo de caçadores kaingang passou por lá e viram que aquele lugar apresentava boas condições para estabelecimento de suas moradias. Assim, tendo se reunido em suas bases os kaingang resolveram concretizar a mudança para o Toldo dos Guaranis. Ocorre que a presença dos kaingang fez com que os guarani tomassem outra decisão, uma vez que os mesmos não gostavam de se misturar com índios de outras tribos e então resolveram sair do lugar para se instalarem no lugar em que seus descendentes vivem até hoje, na aldeia Limeira.

Portanto, a constituição nominal da Aldeia Paiol de Barro se deu em virtude da história cultural guarani que antecedeu a história cultural kaingang, ou seja, de Toldo dos Guarani passou a ser conhecido como Aldeia Paiol de Barro até nos dias de hoje.

1.3 Costumes, sustentabilidade e alimentos tradicionais kaingang

No período em que os kaingang passaram a habitar no Toldo dos Guarani havia fartura no que diz respeito a caça, peixes, frutas e mel; esses produtos naturais é que garantiam a sustentabilidade dos kaingang.

Além dessas farturas que a natureza oferecia os kaingang começaram a trabalhar com abertura de roçados no mato para o cultivo de feijão, mandioca e de batata. Assim conseguiram fazer pequenas plantações de milho que garantia a canjica em seus lares.

Quando surgiam problemas na saúde os kaingang usavam remédios de ervas medicinais que colhiam no mato por especialistas que tinham esses conhecimentos e que serviam com isto na comunidade. Além disso, as curas eram buscadas junto aos benzimentos culturais exercidos pelos sábios da aldeia.

Tempos depois, os kaingang conseguiram articular em comunidade para construção de uma estrada ligando Xaxim a São Domingos, até então o acesso era por caminhos de picadas na mata ou canoas pelos rios. Essa iniciativa passou a dar melhores condições de acesso para outros lugares que os kaingang precisam se deslocar para aquisição de produtos industrializados e venda de seus artesanatos.

Além de produtos cultivados como milho e feijão, os kaingang produziam artesanatos para utilidade própria ou então para comercialização nas cidades. Geralmente, esses produtos artesanais eram cestos e cargueiros. No caso dos cargueiros serviam para transportar frutos e alimentos da colheita, assim como faziam as peneiras finas e grossas para o pilão.

A fruta mais apreciada pelos kaingang era o pinhão que era colhido seco e colocado em bolsas para guardar numa prateleira de taquara. Além disso, tinha bastante erva-mate que era colhida e socada no pilão para consumo, entre outros produtos naturais como mostarda, almeirão e kumi que serviam de alimentação para as famílias kaingang.

1.4 Configuração social kaingang no âmbito de um modelo tradicional

Historicamente, a cultura kaingang sempre teve um sistema de organização social que corresponde ao modelo tradicional, isto é, uma organização sem fins políticos,

especificamente voltado para questões e valores culturais de uma localidade tendo como linha de orientação as metades exogâmica, *kamé* e *kairu*.

Geralmente, a dinâmica de uma localidade tem seu sistema de organização própria e com conexão à uma coletividade maior, ou seja, que todas as localidades que formam a cultura Kaingang tem quase sempre as mesmas dinâmicas na forma de se organizar. Vale ressaltar que a cultura kaingang é “sociocêntrica, com princípios sociocosmológicos dualistas e com um sistema de metades com os nomes de *Kamé* e *Kairu*”¹. Esse sistema de organização Kaingang é tradicional, em prática isso sempre existiu em diferentes gerações e em seu tempo e espaço. Nossos ancestrais já vivenciaram antes de nós mesmos o que entendemos e praticamos hoje dentro do sistema cultural Kaingang, se nos organizamos ou nos auto afirmamos como *Kamé* ou *Kairu* é porque assim viveram nossos ancestrais.

Infelizmente, hoje não é possível descrever como exatamente nossos ancestrais se organizavam, mas a oralidade ajudou-nos a tê-la em memória, e, certamente, essa tradição não esteja tão distante daquilo que vivenciamos hoje. Em prática, isso significa que no modelo tradicional a comunidade se organizava em prol da vivência cultural daquela localidade, sem fins políticos ou financeiros. Simplesmente estava voltado para o bem estar da comunidade, das pessoas, das crianças, dos jovens, dos idosos, das mulheres, das danças, dos rituais, da pesca, caça e colheita.

Geralmente, uma organização cultural Kaingang nasce no âmbito de uma família nuclear (pai, mãe, filhos), e, doméstico (um casal de velhos, seus filhos e filhas solteiras, suas filhas casadas, seus genros e netos)². Esse sistema indica que no modelo tradicional a organização era bem mais vinculado, porque, todos que viviam numa determinada localidade

¹Informações obtidas no site do Instituto Socioambiental, disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/288> (acessado em 30/01/15)

² **Fonte:** Instituto Socioambiental. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/288> (acessado em 30/01/15)

pertenciam à mesma unidade (nuclear e doméstico), e, portanto, essa união possibilitava para que todos entendessem sua própria cultura dentro de suas normas. E, como afirmamos anteriormente, um cacique de uma comunidade não fazia distinções entre aliados ou oposição, mas que tinha uma responsabilidade imensa na condução das unidades de um terminado lugar. Essa responsabilidade não era só do cacique, mas também de todo o grupo, especificamente os mais velhos que tinham a missão de transmitir sobre a organização, portanto, formulavam uma educação Kaingang.

Nessa dinâmica, geralmente uma liderança local era escolhida pela tradição, pela história de sua linhagem, pela forma de dinamizar uma organização cultural local. Além disso, “os grupos domésticos” eram “englobados por duas outras unidades sociais maiores: os grupos locais e as unidades políticos-territoriais”, isto é,

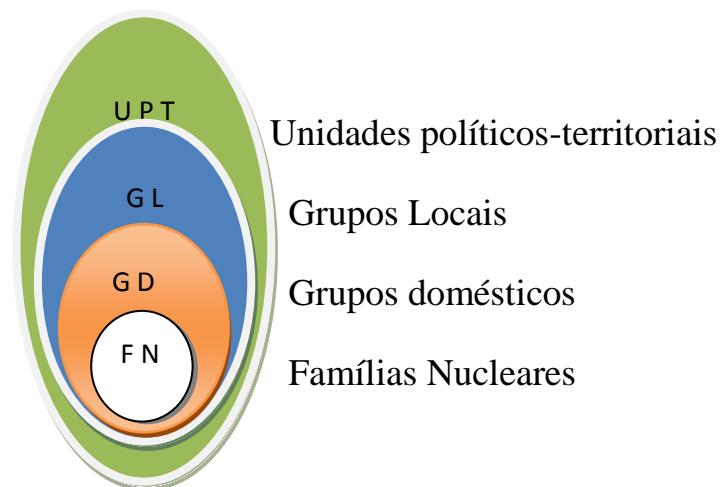
os grupos locais correspondem à articulação entre alguns grupos domésticos, os quais, através de laços de parentesco, mantêm uma relação de reciprocidade mútua. As unidades político-territoriais correspondem às esferas mais abrangentes da articulação entre grupos locais. A mesma assimetria de status postulada para o grupo doméstico (sogro-genro) ocorre na inter-relação de grupos locais e unidades político-territoriais. Os grandes líderes kaingang do século XIX foram, com efeito, os chefes das unidades político-territoriais (*pô’í bang*) e mantinham uma relação de dominação sobre os chefes dos grupos locais (*pô’í; rekakê*). Assim, os registros históricos, descrevem o poder de mando absoluto de caciques como Nonoai, Braga, Doble, Condá, Fongue e Nicafim sobre vastos territórios no Noroeste do Rio Grande do Sul e Oeste catarinense. A população estimada para estas unidades político-territoriais do século XIX era de trezentos a quinhentos indivíduos. (Instituto Socioambiental³)

É importante ressaltar que a cultura Kaingang, em cada tempo e espaço, sempre passou por um processo de formação e transformação sem perder os vínculos tradicionais, e a cada momento foi sendo repensando, reorganizado, bem como passando por momentos críticos, não só do ponto de vista com sua organização interna, mas também em conflitos com culturas diferentes. Certamente, essa situação é que tenha feito para os

³ Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/288> (acessado em 30/01/15)

Kaingang se organizem coletivamente para preservação de sua cultura, isto é, tenha sido preciso os “grupos domésticos” se “englobarem” com os “grupos locais e as unidades políticos-territoriais”.

Desta forma, em um modelo tradicional, temos a organização cultural kaingang que nasce no âmbito de uma família nuclear, que está dentro de um “grupo doméstico” e que engloba a grupos locais e as unidades políticos-territoriais, conforme a representação abaixo.



Essa dinamicidade de organização cultural Kaingang continua sendo preservada, claro que nos dias atuais já tem a mesma características no que diz respeito aos sistema de escolha de caciques. O que sempre está em jogo são os valores culturais Kaingang, sua língua, costumes, tradição, história. Assim, mesmo que hoje tenha havido algumas mudanças, nota-se que as pessoas tem sempre essa preocupação, mas também os conflitos internos e externos. Enfim, vejamos na sequencia como isso tudo passei a ser repensando em um novo de modelo de organização social, e não sei se podemos pensar como um novo modelo, pois, se trata na verdade de uma organização social atual que se inspira ao modelo tradicional.

CAPÍTULO II – A reconfiguração da organização social Kaingang

2.1 Reformulação da organização social em Paiol de Barro

Hoje as coisas mudaram na Aldeia Paiol de Barro, assim como em outras aldeias e inclusive no âmbito da Terra Indígena Xapécó, pois, percebe-se que a causa pela organização sociocultural Kaingang tornou-se um motivo de disputa política, e, certamente o novo modelo tenha sido necessário na medida do tempo e frente a novos desafios.

Especificamente na Aldeia Paiol de Barro, essa decisão ocorreu logo após a morte de um líder (cacique), entre um conflito que daí se resolver escolher o cacique através de voto. (vice-cacique José Valmir de Oliveira) em quatro em quatro anos. Dando o direito ao cacique passar pelo processo de eleição, e assim outros candidatos a passaram a ter os direitos pelo mesmo processo para se candidatar.

De certa forma, é possível afirmar que o novo modelo de organização sociocultural kaingang tenha sido influenciado pelos servidores da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), assim passou-se a existir escolha de caciques como representantes das Terra Indígena Xapécó. É o que pude perceber na fala do senhor José Domingos, hoje morador de Paiol de Barro. Antes de Paiol de Barro, José Domingos morava em Palmas no Paraná, e em certo momento, foi convidado pelo João Mader, Chefe de Posto na época, para vim morar e trabalhar no Posto. Tendo recebido o convite, passou a acompanhar as atividades que eram realizados e que estavam na responsabilidade do chefe de posto na comunidade.

Com o passar do tempo, esse chefe de posto convidou-o para ir na aldeia Fazenda. Quando chegaram lá tinha muita gente reunida, mas ele não sabia por que estava lá. Então, o chefe de posto tomou a palavra diante de todos e falou que deveriam escolher um cacique, assim como pediu para que os capitães se reunissem para escolherem uma pessoa para ser cacique. Nessa ocasião, José Domingos foi escolhido como cacique, e para sua surpresa quando terminou a reunião as pessoas foram falar com ele para ver o que ele faria em prol da comunidade, enquanto que ele não sabia o que dizer. Para Domingos, a princípio,

a escolha do cacique foi uma necessidade da comunidade para acompanhar o trabalho da FUNAI, naquela época não tinha tempo determinado para sair do cargo de cacique; mas as lideranças de hoje já são estabelecidos através dos regimes da justiça.

Não há dúvida de que a partir do momento em que passaram a existir eleições para cacique o povo Kaingang passou a viver um novo momento histórico, portanto, com novas mudanças e forma de organização com “permanência de princípios como as regras de descendência, residência, produção econômica e autoridade política”, mesmo que com o passar do tempo tenha passado a existir um número significativo de mestiços (filhos de casamentos entre kaingang e brancos), misturados (filhos de pais de duas etnias, como de kaingang e com guarani), indianos (brancos casados com mulheres kaingang que vivem incorporados como membros da comunidade da esposa) ou cruzados (filhas de mãe índia e pai branco e que não falam a língua nativa⁴).

Entre o modelo tradicional e modelo atual de sociabilidade dos grupos familiares e domésticos do passado e do presente são estruturalmente idênticos e precisamente no contexto atual passou a ser identificada duas outras unidades sociais, a saber: as aldeias e as terras indígenas. Essa dinâmica demonstra também que os Kaingang apresentam uma estrutura política hierarquizada, com posição máxima ocupada pelo cacique, seguida do vice-cacique e assim sucessivamente. Tradicionalmente, essas funções deveriam pertencer a metades opostas, inclusive em alguns lugares isso ainda funcionam, isto é, cacique e seu vice-cacique ambos pertencerem a metades diferentes.

Sem dúvida, ocupar um lugar de referência e com representação de seu povo nem sempre foi fácil na tradição kaingang, se do ponto de vista de um modelo tradicional o reflexo era o bem estar de uma aldeia no modelo atual passa a ter como referência o bem estar de uma terra indígena. Sempre houve cobranças por parte de quem compõem uma aldeia, pois, tradicionalmente a dinâmica de uma localidade ou das pessoas que nela compõem depende

⁴ Fonte: Instituto Socioambiental. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/288> (acessado em 30/01/15)

boa parte das iniciativas de seu líder, isso na forma de se organizar e de se articular junto aos seus. De outro modo, o mais importante é um líder houver a comunidade, as pessoas que participam de uma localidade, fazendo com que todos sintam-se participes de uma atividade envolvendo toda a comunidade, pelo contrário, quando um se sente excluído começavam os conflitos internos e junto as críticas, os desentendimentos. Em todo o caso, um bom líder, no caso um cacique, conseguia reorganizar na medida do possível. E, geralmente, as pessoas não só esperavam que um cacique se pronunciasse durante uma reunião, mas sim no dia a dia na comunidade, na convivência com seus parentes, no olhar que expressava confiança, alegria, determinação e união.

Todavia, ainda no modelo tradicional, nem sempre era com ares de paz interna, pois, a pouco tempo atrás acontecia um trabalho que somente os homens kaingang praticavam nas lavouras, um serviço que era para as lideranças da comunidade, e todos os que foram convidados ou avisados pela liderança tinham a obrigação de realizar esse tipo de trabalho, em caso de não comparecimento de alguém que fora avisado, era punido, sendo preso pela liderança da comunidade por período de algumas horas. Essa lei e costume foram extinta, mas que agora faz parte do passado.

2.2 Nova configuração sociocultural kaingang

Hoje em dia, a eleição envolve toda a Terra Indígena Xapécó, e portanto, a escolha de caciques locais também está incluso nessa dinâmica. Além disso, passou a ser ordenado pelo “Regimento Interno da Terra Indígena Xapécó do Estado de Santa Catarina.

Esse regimento, tem como “objetivo regulamentar e normatizar todo o sistema de gestão territorial, administrativa e a eleição de cacique da Terra Indígena Xapécó”, e que especifica em seus parágrafos a legislação vigente, isto é, da eleição de cacique, das funções

da comissão organizadora, do direito a voto, da eleição, do local da votação, dos locais de coleta de votos, da forma de votação, do candidato, da habilitação, da escolha do número de chapa, da habilitação dos candidatos, da duração do mandato do cacique e do impeachment do cacique. A partir dessas informações vou tentar especificar melhor cada item citada acima.

Da eleição do cacique. É realizado a eleição geral a cada 04 anos, quando é feito a escola de cacique, vice-cacique e capitão geral da Terra Indígena Xapecó. Além disso, é criado uma comissão organizadora composto por 05 pessoas que tenham conhecimento da questão indígena e que são indicados pelo órgão indigenista oficial e com acompanhamento da justiça Federal de Xapecó. Entre as funções da comissão organizadora é realizar o ato para escolha de número de chapa de cada candidato, colocar em ordem o número de chapa, efetuar o registro dos candidatos, providenciar a confecção da cédula eleitoral, organizar e equipar as seções eleitorais, requisitar as urnas junto a Justiça Eleitoral, organizar as equipes para trabalhar no dia da eleição, providenciar o transporte das urnas, efetuar apuração, lavrar a ata de apuração (sendo que fica sob a responsabilidade do candidato a indicação de seus fiscais credenciados), receber e apurar denúncias de compra de votos, e por fim, encaminham para o conhecimento da Justiça Federal, Funai e Ministério Público Federal a decisão da comissão e do pleito.

Em cada eleição tem a direito a voto todos os indígenas das diversas etnias ou ainda aquele que é reconhecido e aceito pela comunidade como tal conforme Lei 6001/73, desde que se apresente como documento de identificação e que tem por direito a um único voto e todos os eleitores podem se cadastrar durante o período da campanha eleitoral nos locais de votação citados no edital, mas isso não quer dizer que seja uma obrigação, pois a decisão para participar de eleição de cacique é de livre e espontânea vontade, mas que só participa da eleição aqueles que estão cadastrados.

A data da eleição consta no edital e cada campanha tem o prazo de trinta dias, a contar do vencimento do edital que é lançado 10 dias antes do início das campanhas em que participam, entre outros candidatos, o cacique do momento quando tentar buscar uma reeleição, bem como são divulgados nos meios de comunicação. As campanhas se encerram 03 dias antes da realização do pleito e são realizados diariamente, quando os candidatos fazem visitas nas aldeias dentro da Terra Indígena Xapecó, nesse caso, depende muito da habilidade política de cada candidato.

Os locais de coleta de votos são as aldeias: Sede, Olaria, Serrano, Sérro Doce, Baixo Samburá que votam no Ginásio de Esporte Estadual Cacique Vanhkre; Pinhalzinho; Água Branca, Manduri e Barro Preto votam na Escola Estadual São Pedro; Paiol de Barro, João Veloso, Matão, Fazenda, Limeira (guaraní e kaingang) votam nas dependências da Escola Estadual Paiol de Barro. De forma que a votação é secreta e cada eleitor vota somente no candidato a cacique de cada chapa, sendo anulado quando o voto apontar mais de um candidato.

Tem direito a ser candidato todo o eleitor cadastrado e que preenche os requisitos necessários, especificamente ser indígena e que se alista junto a comissão organizadora no prazo do edital. Além disso, o edital exige que cada candidato apresente Xerox de RG e CPF, negativa da Justiça Estadual das comarcas de Xaxim e Abelardo Luz; negativa da Justiça Federal de Chapecó, isso porque o candidato que tem condenação criminal transitado em julgado, fica impedido de se registrar em qualquer chapa. E, as chapas dos candidatos é composto de Cacique, Vice-cacique e Capitão Geral.

Após as eleições, vem as atribuições do cacique, geralmente os candidatos já tem esse conhecimento, mas que são atribuídos a cumprir o regimento interno, zelar pelo patrimônio da comunidade, trabalhar em prol do processo social, cultural e econômico da comunidade, pleitear junto aos órgãos e entidades governamentais e não governamentais, representar a

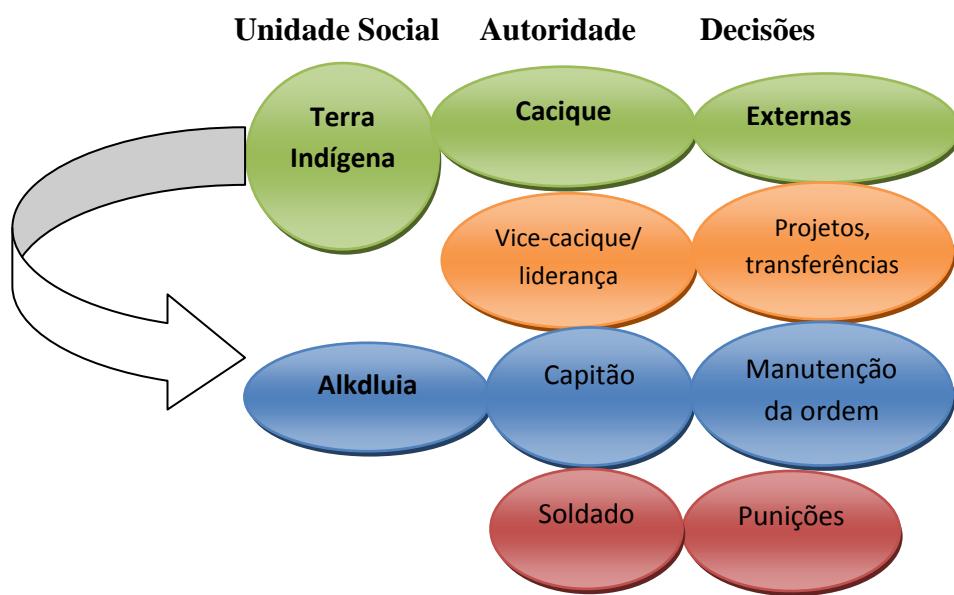
comunidade indígena judicial e extrajudicialmente, honrar com os compromissos e programas assumidos pela liderança anterior, comprometer-se antes do seu mandato com a promoção e realização das novas eleições; além disso, após a posse do Cacique, Vice-Cacique e Capitão Geral, é realizado em cada aldeia, reuniões para escolha do capitão local.

Conforme o regimento interno, o cacique pode afastar-se do cargo por trinta dias no máximo, desde que comunique para o parlamento e capitães, nesse caso assume em seu lugar o vice-cacique e passa a representar o cacique e lideranças quando designado. Por sua vez, as atribuições do capitão geral se refere a organizar, constituir e zelar pela ordem e a segurança interna da Terra Indígena Xapecó, bem como auxiliar os capitães das aldeias, tratando assim de todas as questões relativas a ordem interna, bem como encaminhando os casos mais graves a justiça estadual ou federal após autorização expressa do Cacique que geralmente tem a palavra final nas questões efeito externo. Essa atenção é necessária por parte do capitão, pois, o mesmo pode perder o mandato caso descumpra as obrigações do regimento, cabendo ao cacique, nesse caso, indicar um novo capitão geral com aprovação do parlamento para cumprimento de quadriênio. E, é considerado eleito o candidato que somar maior número de votos, mas em caso de empate é considerado como vencedor o candidato mais velho. Outra questão é que um cacique eleito não tem limite para candidatura, bem como pode sofrer impeachment por crimes de improbidade administrativa e abuso de poder.

Esse é o modelo atual da configuração sociocultural kaingang na Terra I Xapecó, e é exatamente essa dinâmica de organização que a Aldeia Paiol de Barro estabelece e está envolvida, inclusive, hoje o Cacique-presidente, Omar Prado, reside nesta comunidade. Claro que tem ideias favoráveis e desfavoráveis em relação a isso, pois, me parece que uma responsabilidade de ação cultural no modelo tradicional tornou-se uma responsabilidade de ação política no modelo atual.

2.3 O sistema de “cacicado” em diferentes olhares Kaingang

Nos dias de hoje na Terra Indígena Xapécó a escolha de cacique é realizada através de uma eleição e que, portanto, envolve campanhas e normas específicas para um pleito como procurei mostrar acima a partir do regimento interno elaborada pelo Juiz Federal, da 2ª vara, Narciso Leandro Xavier Baez. E, na sequência, apresento uma representação do modelo atual de organização sociocultural kaingang, precisamente de um novo sistema de “cacicado” kaingang.



Percebe-se na representação acima que existe um ordenamento hierárquico no novo modelo de organização sociocultural kaingang nos processos decisórios, e que as pessoas que vivem dentro da Terra Indígena e aldeias estão submissos a esses ordenamento ou novo modelo de sistema político. Vale relembrar aqui no caso os “soldados”, cabos e sargentos que

assumem a responsabilidade “pelas resoluções de pequenos problemas, tais como: brigas internas, ‘bebedeira’, acusações de pequenos roubos e desrespeito à autoridade”⁵.

Quando acontece um problema dentro da aldeia, as decisões são tomadas em encontros e na presença do capitão, onde os infratores apresentam seus motivos e os soldados que geralmente são lideranças locais intermedium na conciliação, caso não se chegue a um acordo são tomadas decisões para que haja punições que variam muito, no passado era aplicado castigos onde o infrator ficava amarrado com os pés no “tronco” e que com o passar do tempo foi substituído por prisões. Entre outras punições, o mais grave é quando são transferidos para outra Terra Indígena, bem como em casos menos graves os infratores são convocadas a prestar algum serviço comunitário. A informações que consegui através do Instituto Socioambiental⁶ é que,

as transferências são casos extremos, que ocorrem de tempos em tempos, e são atribuição do cacique. Em tese, as transferências são aplicadas após a terceira vez que um indivíduo comete uma infração grave. É de conhecimento público, no entanto, que a transferência é imposta, em muitos casos, a indivíduos que fazem oposição e críticas constantes à política local. Há inúmeros casos de grupos familiares que, por sentirem-se pressionados pelo poder político interno, abandonaram a vida nas TIs, muitas vezes migrando para os centros urbanos. Segundo membros de um grupo kaingang que abandonou a TI Xapecó, e vive há oito anos na periferia de Florianópolis, as perseguições e privações impostas aos opositores da Liderança Política, levam ao abandono da terra. É o caso também das famílias que saíram da T.I. Nonoai e construíram um emã (aldeia) no centro da cidade de Chapecó-SC em 1998, e posteriormente, em 2000 foram transferidas para a zona rural do município. Como vemos, as expulsões e transferências são um recurso bastante utilizado. Os exemplos poderiam multiplicar-se.

Se por um lado o novo modelo de organização sociocultural kaingang foi pensado para fortalecimento, por outro lado, trouxe também novos desafios dentro da terra indígena, inclusive, a ponto de fazer com que a exigência de um novo regime interno crie conflitos e

⁵ Instituto Socioambiental. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/288> (acessado em 30/01/15)

⁶ Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/288> (acessado em 30/01/15)

atributos que muitas vezes são as causas para as familiares se retirarem da terra indígena e morarem em lugares diferentes.

Não é de duvidar que esse novo modelo de sistema que aqui chamo “sistema de cacicado kaingang” hoje não mais cultural, pois passou a ser um sistema político que se estabeleceu nas aldeias, e que do meu ponto de vista ainda, é um problema, pois, sempre no tempo da eleição há vários conflitos em disputa pelo poder e também há várias discórdias sobre isso, até mesmo entre as famílias. Assim como na visão dos mais velhos, como o senhor José Domingos, 83 anos, quando diz que

hoje envolve muito a política em relação ao cacique de uma forma conflitante entre as pessoas que envolve o cargo dele, e hoje o cacique já se elege pensando em sua família e não para o bem da comunidade, e são poucos os benefícios que traz para a comunidade.

O acirramento da disputa política parece que é preocupante para as pessoas de maior idade, pois, os mesmos entendem que a tradição está sendo aos poucos substituída pelos interesses particulares de muitos caciques, isso torna-se preocupante, e quem perde com isso é são as pessoas, a comunidade, a aldeia, enfim, a própria terra indígena. É o que acontece, por exemplo, no processo seletivo para professores dentro da terra indígena. A princípio, a secretaria de educação do Município ou do Estado, organizam um processo seletivo para professores que atuarão na terra indígena. Após os procedimentos necessários sai a lista dos classificados, e de acordo com o grau de formação e experiência de cada candidato. Em seguida, os responsáveis pela secretaria de educação convocam o cacique para seu aval, que em prática faz seu jogo político. Em outras palavras, acontece que o cacique acaba desconsiderando a ordem de classificação do processo seletivo para indicar aqueles que foram a favor durante sua campanha eleitoral, assim, muitos que tiveram classificação em 1º, 2º, 3º colocados acabam sendo substituídos pelas pessoas que não tiveram boa colocação no

processo seletivo, isto é, as primeiras colocações acabam sendo ocupadas pelas pessoas que tiveram, por exemplo, 51^a colocação.

Isso acaba trazendo desconfiança e desequilíbrio na convivência, as pessoas ficam a mercê da vontade dos caciques, principalmente aqueles que atuam como professores e outras funções remuneradas dentro da terra indígena. Assim, quem apoiou na campanha de um certo candidato a cacique vencedor de uma eleição é certo de que tem garantia no emprego, e aqueles que foram contra ou que apoiaram outras candidatas derrotadas já ficam na incerteza na permanência de um certo emprego. Penso que esse é um dos desafios a ser repensado para melhoria de educação dentro da terra indígena, ou seja, pensar na qualidade dos profissionais e não só em fins políticos, pois, acaba que muitos professores não tem a formação mínima para atuarem na sala de aula, porque, simplesmente são indicados pelos caciques.

A nova geração vai convivendo e tendo conhecimento dessa dinâmica, seus desafios, benefícios e expectativas. Como eles, os jovens, já se criaram dentro de um novo modelo, entendem que isso é bom, e que o cacique é importante para o bom ordenamento na terra indígena, é o que podemos notar na afirmação da jovem Terezinha Ercigo, da Aldeia Limeira, quando diz que,

o cacique sempre foi a autoridade maior dentro da sociedade (kaingang) onde exerce um papel social muito importante para manter a ordem e respeito, e, também para manter relações com autoridades externas, buscando recursos para o bem estar da comunidade.

O que percebo é que, ao mesmo tempo em que seja como uma nova alternativa traz também uma preocupação na medida em que envolve muita política. Portanto, é necessário que as próprias lideranças em conjunto com as comunidades repensem sobre isso, pelo contrário, os desafios nesse sentido aumentarão, ou seja, o sistema político confundir com os valores e princípios culturais.

Não estou dizendo que o sistema de cacicado kaingang não tenha seus valores, é muito importante sim, pois, traz uma nova leitura para a cultura kaingang dentro da terra indígena, agora é importante as pessoas que assumem esses cargos não confundam a cultura com a política, pelo contrário corre-se risco em dividir as pessoas que moram dentro da terra indígena em partidários, entre oposição e base governamental. Enfim, é o que penso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência que tenho dentro da terra indígena, especificamente em aldeia Paiol de Barro, pude fazer uma leitura sobre configuração e reconfiguração sociocultural kaingang na terra indígena. Precisamente falando de uma cultura que podemos dizer é milenar, pois, não sabemos exatamente o que tenha sido vivenciado pelos nossos ancestrais, mas que conhecemos o que foi sendo repassado pela tradição.

Do ponto de vista tradicional percebemos que a organização sociocultural kaingang estava focalizado para o contexto interno, para uma organização do dia a dia, para o bem estar da aldeia, das pessoas que vivem em uma determinada aldeia. Geralmente, os caciques representavam a comunidade no intuito de pensar para o bom andamento das atividades junto aos seus, sem fins lucrativos, muito menos com a intensão ou participação de uma política externa ou para benefícios próprios. Nesse caso, o benefício praticamente era pensada especificamente para a coletividade. A organização não estava submetidas a Leis Federais ou judiciárias, mas simplesmente na convicção do ser Kaingang, da forma de compreender e viver a cultura, em desenvolver um trabalho coletivo.

O trabalho coletivo era muito praticado dentro da terra indígena e aldeias em si, no caso fazia parte de uma prática cultural, as pessoas participavam do trabalho porque estavam cientes de que cada um precisava dar contribuição, bem como poderiam esperar também que outros contribuíssem quando este ou aquele precisasse. Enfim, toda atividade comunitária se organizava em comunhão com a forma de dinamização de um cacique, aquele que levava em frente a vida cultural de uma aldeia, junto com as pessoas que faziam parte de sua cultura.

Com o passar do tempo percebemos que tudo isso passou a ter novo modelo de organização sociocultural. Hoje em dia percebemos então que os caciques são eleitos através da eleições. Na minha aldeia, por exemplo, no tempo de campanhas sempre chegam os

candidatos a cacique, com propostas volta para o bem da terra indígena, da aldeia, enfim, apresentam uma proposta que tenta convencer o eleitorado. Isso faz com que se perceba também que a política estabelecida dentro da terra indígena não está tão diferente da política que temos em nível nacional para eleição de representantes nos parlamentos estaduais e federais.

É verdade que tem seus desafios, mas penso que é importante que as pessoas não percam a convicção de que pertencem a uma cultura, que falam uma língua, e que portanto, precisam continuar valorizando. Além disso, penso que os caciques devem olhar, quando eleitos, para todas pessoas que vivem dentro da terra indígena. Isso pra dizer que o modelo atual de organização deve ter como foco de referência o modelo tradicional que sempre foi pensado para o bem coletivo da cultura kaingang. Pelo contrário, logo, logo teremos sistema partidário dentro da terra indígena e as pessoas começarem disputas acirradas que pode balancear o bom andamento dos valores culturais kaingang.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BRIGHENTI, Clovis Antônio. Terras Indígenas em Santa Catarina. In.: Etnohistória, história indígena e educação: contribuições ao debate / Ana Lúcia Vulf Nötzold, Helena Alpini Rosa, Sandor Fernando Bringmann, orgs. - Porto Alegre: Pallotti, 2012.

JAEGER, Werner Wilhelm. Padeia: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PLANO POLÍTICO PEDAGÓGICO – ENSINO FUNDAMENTAL – EDUCAÇÃO DIFERENCIADA: CONSTRUINDO UM FUTURO MELHOR. Escola indígena de Ensino Fundamental Paiol de Barro “In ty ore”. Entre Rios, Santa Catarina.

REGIME INTERNO DA TERRA INDÍGENA XAPECÓ. ESTADO DE SANTA CATARINA.

Site acessado

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/288>

ANEXO

Almeri Lúcia Papini Spagnol
Oficial
Karina Bampi Paludo
Escrivaneira Substituta

ATÁ DE REUNIÃO 001/2006 DO CONSELHO GERAL DAS LIDERANÇAS DA TERRA INDIGENA XAPECÓ

Aos. 03 (três) dias do mês de Julho de Dois Mil e seis, reuniram-se os capitães das aldeias da Terra Indígena Xapecó, que são representantes do conselho geral das lideranças Indígenas, para deliberarem sobre o regimento interno, onde o mesmo revoga o prazo de mandato das eleições anteriores e convoca a população Indígena para eleições gerais no dia 09 (nove) de Julho de 2006. O Cacique em Exercício Nilson Belino deu abertura na reunião e convidou a mim Matias Gonçalves para secretariá-lo onde eu aceitei. Foi apresentado o projeto de regimento pelo cacique desta terra Indígena Sr. Nilson Belino, que expôs artigo por artigo, e após a leitura o mesmo foi colocado em discussão para as lideranças do conselho Geral, onde cada um analisou todos os artigos, e ao fim decidiram por unanimidade a sua aprovação, por entender que o mesmo contempla todas as tendências e anseio da comunidade indígena. Nada mais havendo a ser tratado deu-se por encerrado a reunião que vai assinada por mim Matias Gonçalves que secretariei e subscrevi a presente ata e pelos representantes do conselho Geral das lideranças e do cacique da Terra Indígena Xapecó. Esta é cópia fiel do livro de atas de eleições nº01 na sua folha 01 frente.

ALDENIR JACINTO
ALDENIR JACINTO
Aldeia Pinhalzinho

Valdemar Néres
VALDEMAR NÉRES
Aldeia Baixo Samburá

Adelino Tomais
ADELINO TOMAIS
Aldeia Fazenda

Augusto Martins
AGUSTO MARTINS
Aldeia Limeira

Antônio Gonçalves
ANTÔNIO GONÇALVES
Aldeia Manturi

Nilson Belino
NILSON BELINO
Cacique da T.I. Xapecó

Valdemar Barbosa
VALDEMAR BARBOSA
Aldeia Sede

Antônio Tomais
ANTONIO TOMAIS
Água Branca

Adelir Veloso
ADELIR VELOSO
Paiol De Barro

Noel Pinheiro
NOEL PINHEIRO
Aldeia Serrano/F. Cerro Doce
Iecir Correia da Silva
IECIR CORREIA DA SILVA.
Aldeia Sede

Matias Gonçalves
MATIAS GONÇALVES
Secretário

Registro de Títulos e Documentos - Pessoas Jurídicas
Registro de Títulos e Documentos
Rua Nossa Senhora das Graças, 1321 - Abelardo Luz - SC
Almeri Lúcia Papini Spagnol - Oficial Registradora

Protocolo 7551 Livro A 2 Folha 160 Data 04/07/2006
Registro 6268 Livro B 23 Folha 102 Data 04/07/2006
Envolvidos 33.00 Selo 170 Total 34.10
Abelardo Luz - SC 04/07/2006 Oficial *Mun*

18062/84-0001-301
REGISTRO CIVIL
REGISTRO DE DOCUMENTOS
TITULOS E DOCUMENTOS
PESSOAS JURIDICAS
AV Nossa Senhora das Graças, 1321
CEP 89830-000 Centro
ABELEDO LUZ - SC

Almeri Lúcia Papini Spagnol
Oficial
Karina Bampi Paludo
Escrivaneira Substituta